



Uma bicicleta enferrujada, largada na garagem, guarda uma preciosa lembrança de infância. Já um estojo cheio de cores, visto pela vitrine de uma papelaria, traz à imaginação muitos desenhos... Entre a bicicleta e o estojo, entre o passado e o futuro, está o presente incerto de Daniel e sua família. Em meio a tudo isso, o menino inicia uma jornada para consertar um erro e repensar escolhas. Nesse percurso, repleto de memórias e afetos, Daniel enfim encontrará sua própria história.



204817

ISBN 978-65-5744-201-2



9 786557 442012



BARCO
A VAPOR

NOSSA BICICLETA • GUILHERME SEMIONATO

Nossa bicicleta

Guilherme Semionato

Ilustrações

Sandra Jávera



PRÊMIO
BARCO
A VAPOR



sm



BARCO
A VAPOR

Nossa bicicleta

Guilherme Semionato

Ilustrações
Sandra Jávera



Título original: *A bicicleta azul*

© Guilherme Semionato, 2020

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Assistência editorial: Olívia Lima

Preparação: Marcia Menin

Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Semionato, Guilherme

Nossa bicicleta / Guilherme Semionato ;
ilustrações Sandra Jávera. -- 1. ed. -- São Paulo :
Edições SM, 2020. -- (Coleção Barco a Vapor. Série
Laranja)

ISBN 978-65-5744-201-2

1. Amadurecimento 2. Família - Literatura
infantojuvenil 3. Literatura infantojuvenil
I. Jávera, Sandra. II. Título. III. Série.

20-43394

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

1ª edição outubro de 2020

Todos os direitos reservados à
SM EDUCAÇÃO

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
<https://www.grupo-sm.com/br>

*Para os meus pais, que me deram três presentes:
minha vida, meu irmão
e tempo.*

● SUMÁRIO

Prefácio..... 7

Nossa bicicleta

Um livro vivido, pensado e escrito por Daniel..... 11

A bicicleta 13

Marca-textos 16

O dinheiro 20

O estojo..... 22

Clara..... 25

Minha mãe 27

Cabo da Boa Esperança..... 30

Cabo das Tormentas 34

Arthur..... 37

Pedro..... 39

As cores..... 48

Senhor Alberto.....	52
Resgatando a bicicleta	59
Minha irmã me olha nos olhos.....	62
A foto da minha mãe	65
A história do meu pai	72
Nossa bicicleta	90

PREFÁCIO

ANTES DA HISTÓRIA da bicicleta, foi isto que o pai do Daniel lhe disse quando saiu de casa alguns dias atrás:

— Agora você vai ter mais responsabilidades.

Um menino cheio de responsabilidades, vê se pode! Logo Daniel, que tinha tanta vontade de chutar canelas na rua... Se homens e mulheres ainda usassem chapéus, ele teria vontade de dar um peteleco neles e lançá-los longe. Como não usavam, era a vontade de chutar canelas que tomava conta dele quando saía.

Daniel não queria mais responsabilidades, ele queria chutar canelas na rua, só isso. O amigo Pedro não tinha tantas responsabilidades. O Pedro tinha tudo pronto. Tudo era perfeito.

Daniel tinha vontade de esfregar a sorte do Pedro na cara dele. Que vontade de chutar as duas canelas do Pedro! Se você tem vontade de

chutar as canelas do seu melhor amigo, o que é que está acontecendo com você?

É uma pena que eu tenha começado este texto de apresentação com o pé esquerdo. Desse jeito vai ser difícil você acreditar em mim quando digo que o Daniel é um sujeito muito legal, apesar dessa vontade de sair chutando canelas.

Antes que você feche este livro e pegue outro para ler, vou contar um pouco mais sobre o Daniel. Ele gosta de canetas coloridas e de aquarela. Gosta de cadernos com elástico e com arame, de adesivos e borrachas (mas só das que não borram). Quando Daniel passa na papelaria, com todas aquelas coisas bonitas, ele fica tão feliz! Ele até parece um rapaz feliz, sabia?

E ali tem um estojo enorme com tudo que um desenhista como o Daniel precisa ter: lápis de cor, giz de cera, giz pastel, tinta guache... *A beleza* daquilo mexe com o Daniel. O que ele *pode fazer* com aquilo o sacode ainda mais. O próprio estojo parece uma pintura, um desenho. Ele sente que merece tê-lo.

Quando Daniel olha para o seu escritório (é assim que ele chama a mesinha onde estuda, escreve e desenha), ele imagina aquele estojo parado ali em cima. Parado, não. Aberto! Os lápis fora do lu-

gar, talvez um ou outro faltando... Faltando porque ele levou todos os verdes ao quintal para captar a cor da figueira. Ou porque subiu no telhado numa noite de lua prateada levando consigo o lápis cinza, o preto, o branco e o prata.

Daniel não quer o estojo para enfeitar o quarto. Ele quer usar tudo aquilo até o apontador descascar os lápis por completo, até a tinta acabar, até o giz de cera virar um toquinho pequeno que nem um amuleto. Até ter de comprar outro. Ele colocaria todos os desenhos (os que eram desenhos mesmo e os desenhos de palavras, porque ele também é escritor) no estojo vazio, deixaria no armário, abriria muito tempo depois e... encontraria aquilo tudo de novo! E então ele entenderia as coisas.

Quando essa vontade de chutar canelas pega Daniel, só tem um lugar, só um mesmo, para ele ir, onde se sente em casa. E esse lugar é a papelaria. Lá ele é um artista. Quando folheia os cadernos em branco, imagina as páginas cobertas de desenhos. Os lápis de cor saem da caixa e começam a pintar o mundo, a cobrir o que não está direito, o que está esquisito. As canetas escrevem seu nome em todas as coisas que ele quer que sejam suas, e seu nome é mais bonito nas etiquetas que dizem que as coisas são suas.

Todo mundo sabe que o Daniel adora a papelaria: o pai (mesmo longe), a mãe, a irmã, os colegas e amigos de escola, o pessoal que trabalha na loja... eu. É uma das coisas que mais sei. E, se escrevo isto, é para que estas palavras todas, soltas assim, sigam Daniel no caminho de casa até a papelaria, que é um lugar de felicidade e solidão.

Ele provavelmente está lá agora, com o rosto grudado na vidraça, deixando tudo embaçado. A história é dele. Eu não posso contar uma história que não é minha. É a diferença entre desenhar com um pedacinho de carvão e com mil tonalidades de preto diferentes.

Agora, sim, começa a história. Boa leitura!

Alberto (da papelaria)

Nossa bicicleta

Um livro vivo,
pensado e escrito por

Daniel

● A BICICLETA

SABE ESSAS COISAS perdidas que não são de ninguém? Era a bicicleta. Toda enferrujada, meio empenada, não dava para fazer nada com aquilo. Nem dava para ver a cor dela direito, só tinha cor de ferrugem. E não era de ninguém.

Na verdade, a bicicleta tinha dono, sim. Era do meu pai e já existia antes de eu nascer. Fazia tempo que eu não andava nela. Quando andava, tinha que mexer um pouco no banco, então ela não era bem minha... Não era como um tênis que você coloca e a sola vai ficando igual a seu pé. Não era a *minha* bicicleta.

Eu já tive uma bicicleta. Minha irmã e eu dividimos uma, com rodinhas. Aí eu aprendi a andar sem antes dela, que é um ano mais nova, e meu pai ficava colocando e tirando as rodinhas. Dava trabalho, mas ele nunca reclamou. Quando minha irmã aprendeu a andar sem, meu pai